

COMENTÁRIOS PARA INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA DO DESIGN: LIMITES E POSSIBILIDADES

Yasmin Fabris

DOI 10.52050/9788579176685.8

Resumo: Este capítulo propõe uma reflexão sobre a pesquisa em Teoria e História do Design, abordando estratégias metodológicas e marcos teóricos interdisciplinares que influenciam a área. Proponho, então, identificar brevemente as problemáticas e debates em relação à delimitação da história do design para, na sequência, apresentar investigações que tiveram como enfoque a pesquisa documental, considerando uma noção expandida de documento e arquivo. Compreendendo o design como uma área de estudo recente - sobretudo se comparada a outras disciplinas - busco evidenciar as oportunidades geradas pela ausência de fronteiras ou, melhor, pela presença de múltiplas fronteiras. Por fim, identificarei caminhos de pesquisa com o intuito de aprofundar - através da teoria e história do design - as investigações sobre as relações sociais e culturais no universo material na América Latina.

Palavras-chave: História do Design; Design; Fontes documentais; Design Latino-americano.

COMMENTS ON RESEARCH IN DESIGN HISTORY: BOUNDARIES AND POSSIBILITIES

Abstract: This chapter proposes a reflection on research in Design Theory and History, addressing methodological strategies and interdisciplinary theoretical frameworks that influence the field. I then aim to briefly identify the issues and debates regarding the delimitation of design history, followed by presenting investigations that focused on documentary research, considering an expanded notion of document and archive. Understanding design as a recent area of study—especially when compared to other disciplines—I seek to highlight the opportunities generated by the absence of borders, or rather, the presence of multiple borders. Finally, I will present research paths identified with the aim of deepening investigations into social and cultural relations in the material universe in Latin America through design theory and history.

Keywords: Design History; Documentary Sources; Latin American Design.

COMENTARIOS SOBRE LA INVESTIGACIÓN EN HISTORIA DEL DISEÑO: LÍMITES Y POSIBILIDADES

Resumen: Este capítulo propone una reflexión sobre la investigación en Teoría e Historia del Diseño, abordando estrategias metodológicas y marcos teóricos interdisciplinarios que influyen en el área. Se plantea identificar brevemente las problemáticas y debates en relación a la delimitación de la historia del diseño para luego presentar estudios que han focalizado en la investigación documental, considerando una noción ampliada de documento y archivo. Entendiendo el diseño como un campo de estudio reciente, especialmente en comparación con otras disciplinas, se destaca las oportunidades generadas por la ausencia de límites o, más bien, por la existencia de múltiples fronteras. Por último, se exponen caminos de investigación con el propósito de profundizar, mediante la teoría e historia del diseño, las investigaciones sobre las relaciones sociales y culturales en el universo material en América Latina.

Palabras clave: Historia del Diseño; Diseño; Fuentes documentales; Diseño Latinoamericano.

1. Introdução

As pesquisas em teoria e história do design são interpeladas por uma problemática que atravessa a disciplina do design: seus limites borrados. Por não se configurar como um campo de estudo estabelecido, o objeto de investigação da história do design é difuso e difícil de ser circunscrito. Não há consenso sobre o que é design, quando ele surge como prática profissional e, na mesma direção, quem é autorizado a praticá-lo. Então, como elaborar investigações em um universo de pesquisa não estabelecido?

Mais do que identificar características e discorrer sobre diretrizes que supostamente auxiliariam na delimitação da área, interessam-me as oportunidades geradas pela ausência de fronteiras ou, melhor, pela presença de múltiplas fronteiras. A condição escorregadia implica que os objetos de pesquisa do design sejam compartilhados e, logo, disputados por outras áreas como a arquitetura, as artes visuais, a antropologia e a história. Pesquisadores da história do

design podem escutar, em algum momento, que as pesquisas em teoria e história do design não se configuram como pesquisas em design.

A ausência de limites precisos nos impulsiona à construção de referenciais teóricos e recursos metodológicos interdisciplinares. No caso da história do design, a relação com o campo da história (e da história da arte) - do ponto de vista teórico e metodológico - é incontornável. Os procedimentos de coleta e sistematização de dados da pesquisa documental são usuais, além dos tratamentos emprestados da história da arte, que é tema de discussão por privilegiar no design uma perspectiva centrada na relação autor/obra ou dar relevo à dimensão formal/estética dos artefatos. A proposição de uma história social do design, em contraposição aos relatos centrados na figura do autor, aparece por volta dos anos 1980 com o exemplo do *Objects of Desire* de Adrian Forty. O autor demonstrou, a partir de investigação bibliográfica e de fontes documentais, que parte da escrita sobre o design fundamentou-se na construção de mitos biográficos que desconsideravam o papel estratégico do design na engrenagem capitalista. Para Forty (2007), a percepção da atividade projetual como uma prática inserida em um contexto de produção e reprodução do capital permite e demanda a escrita de uma história social do design com especificidades em relação à historiografia da arte e da arquitetura, campos de conhecimento que disputam pelos artefatos como corpus exclusivos de suas investigações. O autor elabora que o design ocupa um lugar de especificidade nas dinâmicas do capitalismo, na medida em que se localiza como objeto de desejo tanto para quem o consome quanto para aqueles que o produzem visando ao lucro. A relação entre design, cultura e sociedade também foi elaborada por outros(as) autores(as), como John Heskett (1998) e Penny Sparke (2008).

Isabel Campi (2013; 2015) é uma referência importante nesse mapeamento da disciplina. Por meio de uma genealogia das publicações que abordam a história do design, ela identificou que a maioria dos textos sobre a temática foram publicados nos últimos cinquenta anos, ou seja, a partir dos anos 1970. Trata-se, portanto, de uma disciplina na jovem que passou, durante suas primeiras décadas, refém de uma

escrita que privilegiava a publicação de manuais de estilo e relatos biográficos que difundiam a noção de gênio criador, descrevendo objetos deslocados de seus contextos de produção e consumo. O trabalho historiográfico de Campi (2015), mesmo que focado no contexto europeu e norte-americano, é uma revisão crítica desses textos canônicos que indica a necessidade de escrever novos relatos sobre a história do design a partir de outras perspectivas - dentre as quais a situada na América Latina.

A abordagem historiográfica no design não é precisamente uma novidade; uma série de autores(as) e publicações, como o *Journal of Design History* da Design History Society (1977) da Inglaterra, publica textos desde 1988 (Margolin 1995). Outras disciplinas, como a antropologia do consumo, também apresentaram contribuições importantes para a área; Daniel Miller é um dos autores presentes nas bibliografias dos Programas de Pós-Graduação em Design em disciplinas de história do design, juntamente com Fred Myers. Embora o debate acumule algumas décadas, as delimitações de estudo da área volta e meia ressurgem como uma problemática. E não só na dimensão historiográfica, mas também na sua compreensão enquanto disciplina e método científico (Cross 2001).

Lembro-me, como ilustração do debate entre Victor Margolin (1995) e Adrian Forty (1995) na revista *Design Issues* no início dos anos 1990, em que Margolin sustentava, a partir de uma análise crítica à obra de Nikolaus Pevsner – especialmente à publicação *Pioneers of modern design, from William Morris to Walter Gropius*, publicado pela primeira vez em 1936 com o título *Pioneers of the modern movement* –, que uma produção historiográfica concentrada na dimensão estética e restrita à produção material do design moderno, a partir do paradigma industrial e com perspectiva eurocentrada, acaba por excluir grande parte da produção material do planeta. Em síntese, Margolin defendeu a importância da ampliação dos assuntos trabalhados em história do design, esgarçando o enquadramento limitado de Pevsner. Embora existam alargamentos, o problema das fronteiras persiste. O autor propôs, então, a noção de estudos em design (*design studies*), que inclui

a história, mas, para além disso, fomenta o diálogo com outras disciplinas. A resposta de Forty a Margolin não elabora necessariamente uma oposição radical, mas comprova as divergências em relação às fronteiras/escopo da disciplina. Para Forty (1995, p. 16), Margolin, ao tecer a crítica a uma literatura excessivamente preocupada em estabelecer bases para a discriminação estética e em determinar as características do design moderno, esquece que o julgamento da qualidade formal é um tema essencial na prática de design: “Although those judgements are admittedly relative, not absolute, the practice of every form of design relies upon being able to make critical judgements about quality”. Outra divergência pontuada pelo autor britânico, é que Margolin não reconheceu em seu texto linhas de trabalho emergentes naquele contexto, especialmente do campo dos estudos culturais e da antropologia, que permitiram aprofundar investigações sobre as práticas de consumo.

I do not feel the need as Victor Margolin does to discover a boundary for design history. To my mind the main obligation of design history is to write good history - in its ends design history is no different to any other branch of history. Political, economic, art or business history all share the pursuit of understanding the processes that together constitute that extraordinary entity human society. That we choose to study design rather than economic data is neither here nor there - what matters in the end is what we are able to say about the actions of individuals as social beings (Forty, 1995, p. 18).

No Brasil, Rafael Cardoso (2000) apresentou uma contribuição importante no final dos anos 1990 ao elaborar um relato historiográfico do design brasileiro, situando os objetos em relação às transformações econômicas, sociais e culturais que ocorreram no país. Mais tarde, em *O Design Brasileiro Antes do Design*, a partir de uma coletânea de nove textos, Cardoso expande o argumento ao problematizar os marcos da disciplina e descrever práticas projetuais que antecederam a consolidação do parque industrial brasileiro e a institucionalização do design no país. Além desses, é possível citar também os estudos de Memória Gráfica (Farias; Braga, 2018) e o Grupo de Pesquisa Design e

Cultura, vinculado ao Curso de Design da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, que aglutina pesquisadoras(es) e promove publicações que operam na relação dialógica da disciplina com a história, artes, sociologia, antropologia e o campo da CTS. Por fim, a perspectiva de gênero, encampada por pesquisadoras (Santos, 2015; Carvalho, 2008; Hollows, 2008; Sparke, 2008), tem informado a historiografia do design com trabalhos que nos impulsionam a olhar para objetos e espacialidades pouco privilegiadas pela disciplina, além de perceber fluxos e processos de circulação de artefatos e práticas cotidianas de consumo.

Muito embora não haja qualquer consenso sobre as fronteiras, parece acomodado - ao menos na perspectiva da história do design - que a atenção aos aspectos formais e técnicos dos artefatos é relevante para a escrita de uma história social das coisas, já que esses aspectos se constituem como elementos que compõem a interpretação da dimensão social, cultural e econômica da atividade projetual. Nesse sentido, as materialidades - e os processos que envolvem sua produção, circulação e consumo na vida social - configuram-se como fonte de pesquisa para a elaboração de relatos historiográficos sobre eventos passados. Seguindo essa direção, considero relevante refletir sobre o modo como desenvolvemos a pesquisa em história do design, tendo como recorte nesta reflexão a investigação com fontes documentais.

2. A pesquisa com/a partir de documentos

A porosidade da disciplina configura-se, a meu ver, como uma oportunidade para a construção de uma área de estudo recente, como é o caso da nossa, na medida em que não limita o corpus de estudo e os métodos empregados nas investigações. Foi justamente a debilidade das fronteiras que permitiu que, dentro de uma linha de Teoria e História do Design, tivéssemos trabalhos com enfoque em objetos de pouca visibilidade na disciplina, como os instrumentos musicais (Bergman, 2016; Pereira, 2019), as indumentárias (Tessari, 2019);

Muller, 2021) e os artefatos subalternos (Fabris, 2022). Também, pesquisas que relacionaram o tema dos museus – a partir das exposições ou dos acervos – com a pesquisa em design (Muller, 2016; 2021; Vörös, 2019; Silva, 2021). Possibilitou, ainda, o desenvolvimento de investigações que privilegiaram as práticas profissionais de mulheres, de sujeitos e/ou coletivos racializados, os processos de circulação e consumo de artefatos populares e os interiores domésticos, para citar apenas alguns temas favorecidos pelos limites difusos. Houve, com isso, nas pesquisas em teoria e história do design, a inserção de estratégias metodológicas que privilegiaram perspectivas alargadas de documento. Inserem-se, nessa visão, os impressos efêmeros, as fotografias de família, os relatos orais, os objetos engavetados, as roupas.

A filiação às proposições epistêmicas e teóricas de autores como Le Goff (1996) e Cellard (2012) pode ser relevante para operacionalizar o uso desses documentos na pesquisa em história do design. Os debates em torno dos aspectos teórico-metodológicos da historiografia, como estatuto de verdade, a relação entre memória, história e ficção e os modelos interpretativos (Chartier, 2015), esgotados em outras áreas acadêmicas e aprofundado por diversos(as) autores(as), é pouco abordado teoricamente nas pesquisas em design, ao menos foi o que notei na minha trajetória.

Um dos procedimentos para o trabalho com fontes documentais é a desestruturação do documento, pondo em relevo seu caráter de *monumento*⁷. Le Goff (1996) formula objeção em defesa de múltiplos modos de abordar um documento, estabelecendo relações com os monumentos de que fazem parte. Deve-se, então, colocar o documento em relação com outras fontes, documentais ou não, que permitam a descoberta de fenômenos em situação. Soma-se a isso a identificação das condições de produção, circulação e consumo do documento, tendo

7 Le Goff (1996) utiliza como exemplo o estudo de Monique Clavel-Lévêque, *Les Gaules et les Gaulois* de 1974, em que a autora considerava que era preciso encontrar, a partir de uma crítica interna ao documento, as condições históricas para sua produção e, assim, as intencionalidades inconscientes do exemplar.

em vista que este se constitui como instrumento de poder (Le Goff, 1996). Com isso em vista, e a partir da perspectiva crítica, compreendo que o documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro e falso. Essa questão também está presente no trabalho de Foucault: a necessidade de transformar documentos em monumentos, de desconstruir seus elementos, de realizar uma descrição intrínseca do documento, colocando-o em relação e construindo o documento em conjunto (Gonçalves, 2007). Conforme esclarece Lopes (2004), encarar o documento como monumento, na perspectiva foucaultiana, significa dizer que o discurso pode ser desconstruído na busca de unidades coerentes menores. Essas frações desmontadas permitem elucidar construções sobre o período/evento pesquisado. A pesquisa com documentos, nesse sentido, parte da premissa da descontinuidade, dos retalhos e rupturas, busca-se o que está no subsolo, o que foi ignorado e também aquilo que não está registrado.

Me interessa, também, refletir sobre outra fonte relevante para a pesquisa em história do design: os vestígios materiais. Com base nos estudos da cultura material, compreendo que os corpos dos artefatos revelam não apenas o partido estético adotado no seu desenho (projeto) e produção, mas podem possibilitar o acesso à biografia desses objetos (Kopytoff, 2008): onde foram construídos, por meio de quais processos, quais sujeitos estavam envolvidos na sua produção, por quais locais circularam, quais práticas foram influenciadas, etc. Lembrome, a título de exemplo, do esforço metodológico desempenhado por Caroline Muller (2021) para construir a roupa de baixo como fonte documental na sua tese de doutoramento.

Foi a partir do estudo do que está fora do cânone do que se configura como um objeto de design - a partir da perspectiva modernista - que uma série de pesquisas, como as citadas anteriormente, acabaram por questionar e atravessar a historiografia do design, incluindo relatos sobre sujeitos, coletivos e práticas que ficaram de fora ou à margem (Fry, 1989), por não respeitarem uma lógica moderna-ocidental-construtivista que fundamenta um tipo bem específico de projeto de design ou que não foram criadas em um espaço geográfico específico.

Nesse contexto, tenho pensado, em conjunto com outras(os) pesquisadoras(es), a possibilidade de escrever *contranarrativas*⁸ do e sobre o design. Dentre os diferentes caminhos possíveis para esse trabalho, optei pelo estudo das exposições, especificamente aquelas feitas em museus. Nesse universo de investigação, que são as exposições, interessa-me compreender os agenciamentos feitos por meio e a partir dos objetos, os relevos (ou ausências) à biografia do objeto, impregnada na sua materialidade. Recentemente, enveredei minha investigação para a identificação dos fluxos e trânsito de objetos populares na constituição de acervos de arte e cultura popular na América Latina. O Museu de Arte Popular Tomás Lago da Universidad de Chile, por exemplo, recebeu entre os anos 1940 e 1960 dezenas de peças brasileiras que poderiam enquadrar-se, dentro de uma perspectiva contemporânea, na noção de design. São roupas e objetos utilitários que circularam na época a partir da noção de folclore, mas que hoje poderiam ser investigadas e, inclusive, exibidas, a partir de outras categorias e promovendo aproximações diversas com disciplinas como a arte, a história e a antropologia.

Nesse recorte, há um problema, na medida em que o universo da pesquisa, assim como os objetos de estudo, não se caracterizam como objetos de design, apesar da fragilidade das tentativas de delimitação. Essa abrangência de artefatos implica na dificuldade de identificação de uma área de conhecimento de fácil reconhecimento. Acrescenta-se também o questionamento de determinados cânones, como fez Cardoso (2005), ao descolar a prática do design das instâncias formativas ou da produção industrial. Apesar das implicações nos limites da disciplina, a porosidade das fronteiras, a meu ver, tem contribuído para a construção da história do design, sobretudo em países não

8 Projeto de pesquisa *Contranarrativas da História do Design na América Latina: uma (re) escrita por meio de exposições* que coordeno, vinculado ao Departamento de Design da Universidade Federal do Paraná. O uso do termo “contranarrativa” busca enfatizar o mapeamento e a elaboração de relatos que propõem desafiar ou se opor à narrativa dominante, dando ênfase, no caso específico dessa investigação, à materialidade popular como resposta crítica que interpela os discursos sedimentados na história do design.

hegemônicos. Em outras palavras, a partir da falta de consenso sobre a validade de limites para a área, podemos elaborar histórias do design situadas, que evidenciam as zonas de contato (Giunta, 2023) - termo assimilado de Mary Louise Pratt - entre diferentes formas de produção, circulação e consumo de artefatos na América Latina.

Tomo esse argumento, emprestado de Andrea Giunta (2023), por compreender que ele ajuda a pensar a elaboração da teoria e história da produção latino-americana em contato com as produções estadunidenses e europeias, que têm sido privilegiadas pela disciplina design. Giunta (2023) demonstra, no seu livro recente, que a produção visual não se elabora num lugar e se repete em outro; há relações de simultaneidade e, também, de especificidades, que podem ser elucidadas mesmo em análises comparadas, como bem nos mostra a autora.

A forma de regular o poder normativo do centro desde uma opção adjetivada (periferia, hibridez, descentramento), sem dúvida resulta produtiva para pensar aparentes contradições culturais. Mas, ao mesmo tempo, desfigura o específico, particularmente o valor daqueles termos que os próprios artistas propuseram para nomear suas poéticas. [...] Diante da eficiência das taxonomias das histórias da arte estabelecidas pelos centros, proliferam termos que indicam inscrições específicas, que se referem a uma linguagem artística situada para além do generalizável (Giunta, 2023, p.32).

É válido mencionar que existem diferentes caminhos teóricos e estratégias metodológicas para identificar essas narrativas situadas. Procurei seguir um deles ao conceber as exposições, ora como universo de pesquisa, ora como fonte documental, para a disciplina do design (Fabris; Corrêa, 2022). As exposições têm me permitido pensar a prática projetual como uma atividade ampla, que considera projetistas aqueles e aquelas que não passaram por um processo de formação institucionalizada, mas que, em grande medida, contribuem para fazer e pensar o design. Do mesmo modo, por meio das encenações, consegui refletir sobre artefatos que não pertencem ou atendem aos pressupostos do Bom Design, mas que participam dos circuitos de trocas e circulação em sociedades contemporâneas.

3. Outros caminhos

Se Campi (2015) e Forty (2007) identificam a demanda em alargar os recortes da historiografia do design em países hegemônicos - como é o caso de Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha -, na América Latina a necessidade de escrita e revisão caminham juntas. A disciplina design como área de conhecimento institucionalizado é recente e, por isso, a formalização de um relato historiográfico sobre a atividade projetual na região é, ainda, incipiente⁹. É possível formular que, para além da necessidade de desenvolvimento de estudos que consideram a história social do design e uma narrativa historiográfica alternativa à oficial-hegemônica, é também relevante identificar fontes que possibilitem a escrita desses relatos. A identificação pode passar, ao meu ver, por filiações com autores(as) de outras disciplinas que atribuem agência aos artefatos. Com isso, a possibilidade de conceber os objetos como universo e fonte de investigação.

Essas abordagens - conduzidas por Alfred Gell (2018), Arjun Appadurai (1986), Daniel Miller (2013), Ulpiano Bezerra de Meneses (1998) - defendem que, por meio do estudo de objetos, é possível elucidar aspectos históricos, culturais e sociais de determinados grupos ou sociedades. As investigações sobre cultura material apontam para a possibilidade de entender as relações que envolvem a sociedade com base nos artefatos que estas produzem.

Foi a partir desta perspectiva que tive condições de propor a cultura material popular e o patrimônio musealizado, disponível em acervos de museus e em exposições, como forma de entender a prática e história do design. Meneses (2013) é um pensador importante ao defender a capacidade dos museus na produção do conhecimento histórico. O autor sustenta que os artefatos, ao serem expostos no

9 O livro *História del diseño en América Latina y el Caribe. Industrialización y comunicación visual para la autonomía*, publicado em 2008 marca os primeiros esforços em reunir relatos historiográficos latino-americanos, a partir de uma perspectiva panorâmica, com a contribuição de diversos autores dos diferentes países da região.

museu, transformam-se em documentos que possibilitam a formulação de novas teorias sobre a vivência que circunda os objetos. Sendo assim, os acervos materiais e documentais de museus, bem como suas exposições, oferecem informações para a construção de uma história e teoria do design que consideram os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais. Com isso, de modo mais amplo, entendo que por meio da materialidade pode-se identificar quais concepções de design foram estabelecidas em diferentes períodos e como essas se articularam com aspectos econômicos e culturais que atravessaram as sociedades (Fabris; Corrêa, 2022). Mas esse é apenas um caminho, dentre tantos outros possíveis, para a escrita da história das coisas e a partir das coisas.

Além da virada agentiva, ou seja, da possibilidade de pensar os objetos como agentes na trama social e, então, como fonte para o design, outras mudanças afetaram a disciplina. O exercício reflexivo sobre a história social do design hoje também é interpelado por transformações no campo das ciências sociais, como os Estudos Culturais, Feministas e Decoloniais. A perspectiva teórica e historiográfica do design é atravessada por debates que incitam reflexões sobre gênero, trabalho e raça, e suas interseccionalidades, alterando as questões sobre e a partir de como os objetos foram produzidos, circularam e foram consumidos por determinadas sociedades (Fabris, 2023). Ainda, como o design sustentou e ainda sustenta visualidades e práticas sobre a modernidade e sobre ser moderno.

Investigar a história e a teoria do design a partir de uma perspectiva crítica que relaciona distintos saberes, e informada por essas viradas, é tarefa das pesquisas contemporâneas. Os estudos de gênero e as perspectivas teóricas/práticas dos movimentos negros são essenciais para a crítica e revisão urgente da abordagem historiográfica na pesquisa em/sobre design. Elaborar um quadro teórico interdisciplinar, iluminado pela teoria decolonial ou pelas lentes feministas, por exemplo, pode possibilitar a criação de relatos que tensionam o cânone e expandem a compreensão de como a prática projetual, institucionalizada e não-institucionalizada, ocorreu e ocorre na América Latina.

Nessa direção, passei a compreender que as exposições se configuram como um espaço que produz narrativas sobre e para o design (Fabris; Corrêa, 2022). O trabalho com as exposições representa a construção de um caminho de pesquisa, iniciado com a minha investigação de mestrado, que articula três temas principais: as histórias das exposições, a perspectiva da cultura material e os estudos da cultura popular. A articulação temática aciona três campos disciplinares – o da arte, o da antropologia/sociologia e o da história – frutos de uma formação interdisciplinar. Essa configuração promoveu encontros teóricos e metodológicos que me constituíram como uma não-especialista em história do design.

É, portanto, nesse *entre-lugar* que localizo as reflexões aqui apresentadas, nas fronteiras entre campos de investigação, alguns consolidados e outros não tanto, permitindo contatos entre metodologias e áreas de estudo. Com isso, considero que as investigações em teoria e história do design podem adensar esse eixo de investigação, sem urgência por definição. Como espaço institucional nascente, espero que, com novas pesquisas em teoria e história do design, tenhamos condições de alcançar abordagens *desde* a América Latina - demonstrando que as coisas e seus modos de circulação são fonte documental importante para escrever e reescrever a história social da/a partir da região.

Referências

APPADURAI, Arjun (org). **The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BERGMANN FILHO, Juares. **Artífices, artifícios e artefatos: narrativas e trajetórias no processo de construção da Rabeca brasileira**. 257 f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

BOCK, Gisela. Challenging dichotomies: Perspectives on women's history. *In: Writing women's history: International perspectives*. London: Palgrave Macmillan UK, 1991. p. 1-23.

CAMPI, Isabel. **El diseño de producto en el siglo XX. Un experimento narrativo occidental.** 2015. 665 p. Tese (Doutorado em Design e Imagem) - Universidade de Barcelona, Barcelona, 2015.

CAMPI, Isabel. Teorías Historiográficas del Diseño. *In:* CAMPI, Isabel. **La Historia y las Teorías historiográficas del Diseño.** México: Editorial Desígnio, 2013. p. 31-103.

CARDOSO, Rafael. Prefácio. **Uma Introdução à História do Design.** São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

CARDOSO, Rafael. Introdução. *In:* CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro antes do design.** São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material: São Paulo, 1870-1920.** Edusp, 2008.

CELLARD, André *et al.* A análise documental. *In:* POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, v. 2, 2008. p. 210-213.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CROSS, Nigel. Designerly Ways of Knowing: Design Discipline Versus Design Science. **Design Issues**, v. 17, n. 3, 2001, p. 49-55. DOI: <https://doi.org/10.1162/074793601750357196>.

FABRIS, Yasmin. **A Mão do Povo Brasileiro: Cultura Material Popular e os Projetos Modernizadores Brasileiros (1969 e 2016).** 202. 339 f. Tese (Doutorado em Design). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

FABRIS, Yasmin. Como pensar as produções latino-americanas em um curso de design na América Latina? *In:* CORRÊA, Ronaldo; QUELUZ, Marilda. **Design & Cultura: educação como prática de transgressão.** Curitiba: UFPR, 2023. p. 63-73.

FABRIS, Yasmin; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. As Exposições como Fonte Histórica para a Disciplina de Design: Aproximações para a Formulação de um Argumento. *In:* **Novos Horizontes da Pesquisa em Design: Coletânea de estudos do PPGDesign/UFPR.** São Paulo: Blucher, 2022. p. 17-32.

FARIAS, Priscila; BRAGA, Marcos da Costa (orgs.). **Dez ensaios sobre memória gráfica.** São Paulo: Blucher, 2018.

FERNANDES, Silvia; BONSIPE, Gui (orgs.). **Historia del diseño en América Latina y el Caribe. Industrialización y comunicación visual para la autonomía.** São Paulo: Editora Blücher, 2008. p. 10-16.

FORTY, Adrian. Debate: A Reply to Victor Margolin. **Design Issues**, v. 11, n. 1, Spring, 1995, p. 16-18. <https://www.jstor.org/stable/1511611>.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GELL, Alfred. **Arte e agência**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GIUNTA, Andrea. **Contra o cânone**: arte contemporânea em um mundo sem centro. Florianópolis: Editora Nave, 2023.

GONÇALVES, Jadson Fernando Garcia. Foucault, a descontinuidade histórica e a crítica da origem. **Revista Aulas**, v. 1, n. 3, 2015.

HESKETT, John. **Desenho industrial**. São Paulo: José Olympio, 1998.

HOLLOWS, Joanne. **Domestic Cultures**. Berkshire: Open University Press, 2008.

KOPYTOFF, Igor. Biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Eduff, 2008. p. 89.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

LOPES, Rodrigo Touse Dias. Monumento e genealogia: notas sobre Michel Foucault. **Nucleus**, v. 2, n. 1, 2004, p. 147-158.

MARGOLIN, Victor. **Políticas do Artificial**: ensaios e estudos sobre design. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 301-320.

MARGOLIN, Victor. Design History or Design Studies: Subject Matter and Methods. **Design Issues**, v. 11, n. 1, 1995, p. 4-15. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1511610>.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998, p. 89-104.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MULLER, Caroline. **(In) Vestindo Histórias**: O processo de patrimonialização do Acervo de Indumentária do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) de Porto Alegre (2003-2015). Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

MULLER, Caroline. **Memórias luso-brasileiras sobre o consumo e a circulação de roupas brancas femininas (1900-1920)**. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

MYERS, Fred (ed.). **The Empire of Things**: Regimes of Value and Material Culture. Santa Fe, NM: SAR Press, 2001.

PEREIRA, Rodrigo Mateus. **Histórias da luteria de guitarras elétricas. Memória e trabalho nos anos 1960 em São Paulo**. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. **O Design Pop no Brasil dos anos 1970**: Domesticidades e relações de gênero na decoração de interiores. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

SILVA, Ana Paula França Carneiro da. **Design à mostra**: uma abordagem crítica a partir da exposição do 32º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira (2018-2019). Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

SPARKE, Penny. **The Modern Interior**. London: Reaktion Books, 2008.

TESSARI, Valéria Faria dos Santos. **Louvre, o rei das sedas**: consumo de moda e sociabilidades femininas em Curitiba, 1935-1945. 2019. 350 f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

VÖRÖS, Ana Lucia. **Histórias desveladas**: considerações sobre a história da indumentária e da moda na exposição “Momentos Inesquecíveis” do Museu da Indumentária e da Moda - MIMo. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.